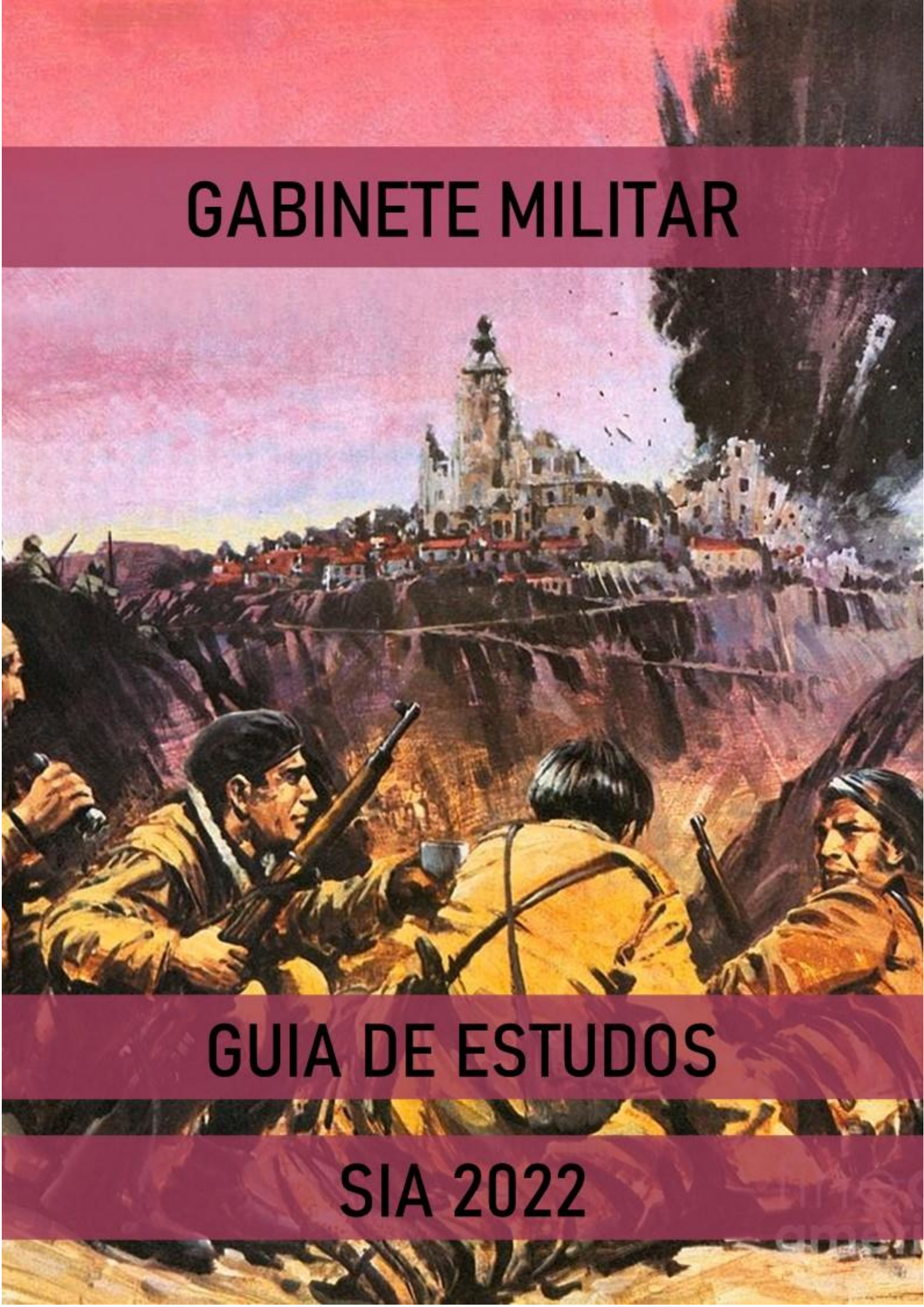


A dramatic, painterly illustration of a war-torn city. In the foreground, three soldiers in olive drab uniforms are positioned in a trench. The soldier on the left is looking through binoculars, the one in the center is holding a rifle, and the one on the right is looking towards the viewer. In the background, a city with a prominent cathedral is being shelled, with thick black smoke rising from the ruins. The sky is a mix of pink, purple, and blue, suggesting a sunset or sunrise.

GABINETE MILITAR

GUIA DE ESTUDOS

SIA 2022

Apresentação da mesa

Maria Helena Delgado

¡Hola, damas y caballeros! Eu sou a Helena, estudante do 3º ano e diretora do Gabinete Militar. Minha jornada na SIA não começou no GM, no entanto quando fui chamada para a mesa em 2019 me apaixonei por esse modelo único e emocionante. Por esse motivo, apresento com muito amor e carinho o nosso guia para esse tema tão especial, espero que vocês aproveitem e criem memórias inesquecíveis, assim como eu.

Layla Fabel

Olá, delegados e delegadas!! Sou a Layla, tenho 15 anos e estou cursando o primeiro ano do Ensino Médio. Comecei a participar do mundo das simulações no ano passado, quando entrei para a organização da SIA 2021, como logística, também, do Gabinete Militar. Agora, na SIA 2022, tenho o imenso prazer de, mais uma vez, fazer parte da organização deste queridíssimo comitê como vice-diretora. Desejo uma ótima simulação a todos vocês, e sejam muito bem-vindos!

João Rosa

Oi, eu sou João Pedro Assis da Rosa, tenho 18 anos, sou do 3º ano do ensino médio no Colégio Santo Agostinho. Simulo desde 2020 e entrei para a SIA em 2021. Sou completamente apaixonado por história e geoestratégia e terei o prazer de participar do Gabinete Militar como assessor. Desejo uma ótima simulação a todos e sejam bem-vindos.

João Dário

Olá! Eu sou o João Dário, tenho 15 anos e curso o segundo ano do Ensino Médio. As simulações diplomáticas são ótimas oportunidades para sentir um gostinho da complexa geopolítica mundial e, por isso, comecei a simular na SIA XI. Espero que todos tenham uma excelente experiência neste comitê, assim como eu tive!

Maria Tereza

Olá, delegados(as)! Eu sou Maria Tereza e estou cursando o 2º ano do ensino médio. A SIA XI me abriu as portas das simulações e, na SIA XII, eu terei a honra de fazer parte da organização do Gabinete Militar. Espero que todos aproveitem essa experiência diplomática e se apaixonem por esse mundo assim como eu!

Miguel Coimbra

Olá, meu nome é Miguel, tenho 15 anos e estou no primeiro ano do Ensino Médio, ano passado foi o meu primeiro contato com a SIA e com a GM, e nesse ano estou muito animado para compartilhar essa incrível experiência com vocês. Bem-vindos, e uma ótima SIA para todos.

Índice

I. O Gabinete Militar

1. Apresentação do Gabinete
 - 1.1. Funcionamento do Gabinete
2. Representações

II. Guerra por definição

1. Personalidades
 - 1.1. Hannah Arent
 - 1.2. Sun Tzu
 - 1.3. Eduardo Galeano
 - 1.4. Carl von Clausewitz
 - 1.5. Victor Hugo
 - 1.6. Nicolau Maquiavel
 - 1.7. Yamamoto Tsunetomo

III. Antecedentes

1. A Sociedade Espanhola
 - 1.1. Antiguidade
 - 1.2. Idade Média
2. O Cenário Político
3. Espanha na Primeira Guerra Mundial

IV. A Guerra Civil

1. Espanha – 1936
 - 1.1. Início da guerra
 - 1.2. Os nacionalistas
 - 1.3. Os republicanos
2. Armamento

IV. Bibliografia

“A defesa da paz e da ordem interna constitui a missão sagrada das forças armadas de uma nação e é isso que temos realizado.”

- Francisco Franco

Há momentos na história em que a diplomacia falha em conservar a paz. São esses momentos que o Gabinete Militar busca simular, dando aos delegados a oportunidade de representar sua nação, não em debates e negociações, mas como comandantes em campo de batalha.

Nessa situação em que Propostas de Resolução se fazem obsoletas, cabe aos senhores e às senhoras traçar táticas para conduzir seu exército à vitória.



Em 1931 a Espanha passava por um período de desordem interna onde facções mais radicais aproveitaram para destruir templos católicos, invadir terras e fazer justiça com as próprias mãos.

O caos continuou até 1936, até que em fevereiro do mesmo ano, a Frente Popular reunindo vários setores democráticos e de esquerda – socialistas, comunistas, anarquistas, liberais – elegeu Manuel Azaña como presidente. No entanto, pouco tempo após as eleições, o Exército, sob a liderança do general Francisco Franco, se rebelou contra o novo governo. E assim, com um golpe de Estado, a Guerra Civil Espanhola se instalou no dia 17 de julho de 1936.

O conflito trazia de um lado os falangistas e do outro, populares e de esquerda. Os primeiros tinham apoio militar da Itália fascista e da Alemanha nazista, que usou a Espanha como centro de experimentação de suas novas e potentes armas. Do outro lado, estavam as forças populares e democráticas. Essas recebiam um pequeno apoio da União Soviética e das Brigadas Internacionais, que eram formadas por voluntários operários e intelectuais de outros países.

Nessa Guerra Civil caótica e destrutiva, um lado só sairá vencedor caso o outro seja completamente aniquilado. A organização militar é, portanto, essencial para a vitória.

- ¡Buena suerte generales!

I. O Gabinete Militar

1. Apresentação do Gabinete

Este comitê tem como proposta simular a Guerra Civil Espanhola a partir de 1936, no mesmo ano do início dos conflitos. Não há, de maneira alguma, a pretensão de que a história permaneça inalterada após os eventos simulados no Gabinete, com os mesmos resultados reais. Também é essencial ressaltar que o Gabinete de Guerra não representa uma reunião única e definida que ocorreu envolvendo os comandantes presentes na batalha; deve ser levada em consideração a descentralização, mesmo não proposital, que ocorre em momentos conflituosos.

Quanto ao papel dos delegados, eles representarão oficiais da Frente Popular ou dos Nacionalistas Partidários, de maneira a exercer o controle sobre suas respectivas unidades de combate (infantaria, artilharia, força aérea etc.), cada qual com um número limitado de recursos disponíveis. As unidades serão movidas e poderão exercer outras funções conforme as estratégias de seu respectivo comandante, funções essas mandadas por meio de ordens de combate ou movimentação. É esperado que as ações tomadas no curso do comitê alterem os eventos que ocorreram a partir do dia 1º de julho de 1936, com isso, delegados devem manter o rigor histórico, de maneira a desconsiderar quaisquer acontecimentos posteriores a essa data.

1.1. Funcionamento do Gabinete

O Gabinete Militar é dividido em três salas: a Sala da Frente Popular, a Sala dos Nacionalistas Partidários e o Salão de Guerra, sendo somente as duas primeiras salas ocupadas por delegados; é expressamente proibido o ingresso de delegados em qualquer outra sala senão a sua respectiva, principalmente no Salão de Guerra. Caso isso aconteça, as medidas cabíveis serão tomadas pela Mesa.

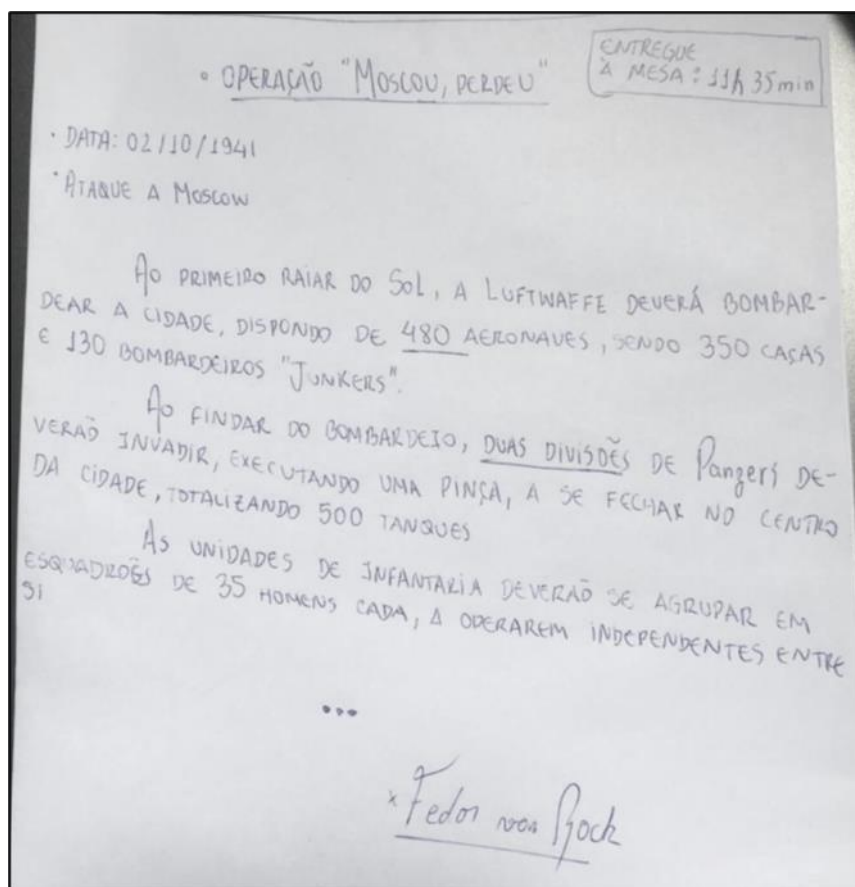
Para a coordenação e dinamização do Gabinete, dois Diretores irão compor a mesa de cada sala, moderando os debates, tirando dúvidas dos delegados e recebendo as ordens que forem enviadas. O processamento de dados e ações enviados pelos delegados será feito por dois Diretores imparciais no Salão de Guerra, que devem repassar as informações filtradas para cada lado da batalha. É necessário ressaltar que a Mesa é soberana em qualquer decisão tomada ao longo da simulação.

Os documentos no Gabinete Militar não servem ao mesmo propósito de comitês diplomáticos. Como não há a busca por propostas de resolução, e o objetivo final é a vitória na guerra, os documentos são utilizados para este propósito. Eles podem ser divididos em três categorias:

- **Ordem de Alocação de Suprimentos:** suprimentos são os recursos disponíveis para a utilização de cada país no esforço de guerra, usados automaticamente para o reabastecimento das unidades. Podem ser convertidos em combustível, veículos, equipamento para os soldados, estruturas de defesa etc. Por meio de um documento de Alocação de Suprimentos, que deve ser assinado pelo(s) Grande(s) Comandante(s) da

nação em questão. Cada um desses usos tem um custo estabelecido previamente, por isso a Mesa pode ser consultada para o esclarecimento do valor determinado.

- **Carta Diplomática:** este documento pode ser usado pelos comandantes para entrar em contato com suas respectivas nações e deve ser assinado pelo(s) Grande(s) Comandante(s) de cada país. Esse contato pode visar a uma revisão dos objetivos de guerra, um aumento no financiamento das Forças Armadas (recebimento de mais suprimentos) ou uma mudança na política externa ou interna que favoreceria a ação dos comandantes em combate, dentre outras possibilidades. O documento pode também ser dirigido a outras nações, desde que tenha sido previamente aprovado pelo governo, uma vez que os comandantes não possuem autonomia para realizar tais ações.
- **Ordem de Combate:** a Ordem de Combate é o principal documento de um Gabinete Militar, uma vez que é usada para qualquer fim relacionado às ações das unidades subordinadas a um comandante, de maneira a impactar ativamente o resultado da guerra. Este documento deve ser assinado apenas pelo próprio comandante das tropas e exige um formato específico. Devem estar escritas: a data e a região da execução da ordem, o nome da ordem, a hora em que o documento foi entregue à mesa e a descrição da ação. O potencial descritivo da ordem é um fator determinante para o sucesso da operação. Por fim, no caso de operações conjuntas, todos os comandantes envolvidos na ação devem assinar o documento.



Exemplo do modelo de documento enviado ao salão de guerra

2. Representações

Republicanos da Frente Popular	
Comandante	Cargo
Francisco Largo Caballero	Chefe de Governo
Vicente Rojo Lluch	Chefe do Estado Maior
Júlian Besteiro Fernández	Negociador Público
Lluís Companys i Jover	Presidente da Catalunha
José Miaja Menant	Ministro de Guerra
Juan Guilloto León	Comandante do 5º regimento
José Antonio Aguirre	Presidente do País Basco
José Moscardó e Ituarte	Encarregado do Cerco de Alcázar
Juan Hernández Saraiva	Chefe militar de Azaña
Manuel López Iglesias	Batalhão de milícias galegas
José Sánchez Rodríguez	Comandante do V corpo do exército
Julio Mena Zueco	11ª brigada de infantaria
Pavel Batov	Conselheiro militar em Madrid
José Buenaventura	Sindicalista anarquista

Nacionalistas Partidários	
Comandante	Cargo
Gonzalo Queipo de Llano	Insurreição ao Sudoeste
Emilio Mola	Front Nordeste
Francisco Franco	Front Sul
Juan Yagüe	Insurreição ao Sul
José Enrique Varela	Insurreição em Cádiz
Manuel Goded Llopis	Insurreição ao Leste
José Sanjurjo	Responsável pelos reforços alemães
Miguel Cabanellas	Chefe da defesa nacional
Fidel Dávila Arrondo	Insurreição ao norte
Salvador Sediles	Comandante das Águias da Liberdade
Ramón Franco	Comandante aéreo
Natalio López Bravo	Tenente Coronel nacionalista
Rafael Garcia Valiño	Insurreição noroeste
Hugo Sperlle	Comandante da Legião Condor
Kim Philby	Sindicalista Fascista
Agustín Muñoz Grandes	Insurreição em Madrid
Mario Roatta	Legião voluntária fascista
Raimundo Fernández	Político Nacionalista

II. Guerra por definição

Distintas disciplinas utilizam-se da noção de guerra como material de reflexão, evidentemente com objetivos e abordagens em muito distintas. A filosofia ela mesma utilizou-a de variadas formas ao longo de sua história, e até mesmo a doutrina militar comporta um tópico chamado “filosofia da guerra”. Em nossas pesquisas constatamos a existência de três grandes abordagens filosóficas da temática, o que não significa, de modo algum, que são as únicas. A primeira é a guerra como objeto de reflexão filosófica em sentido duro; a segunda comporta a noção de guerra como metáfora; por fim, a terceira implica a guerra como princípio imanente ou, senão, enquanto princípio metodológico.

1. Personalidades

1.1. Hannah Arent

“Quando o indivíduo se afasta da responsabilidade e do domínio de suas atitudes, pensamentos e comportamento, fatalmente, não realiza o exercício da reflexão, desconectando-se do sentido do que é ser humano. O campo ético é “engolido” pela visão limitada e empobrecida dessa relação, está, portanto, instalado o estado de banalização do mal, no qual nem a violência ou a agressividade perturbam a ordem social.”

Hannah Arendt foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. A privação de direitos e perseguição de pessoas de origem judaica ocorrida na Alemanha a partir de 1933, assim como o seu breve encarceramento nesse mesmo ano, fizeram-na decidir emigrar. O regime nazista retirou-lhe a nacionalidade em 1937, o que a tornou apátrida até conseguir a nacionalidade norte-americana em 1951. Trabalhou, entre outras atividades, como jornalista e professora universitária e publicou obras importantes sobre filosofia política. Contudo, recusava ser classificada como “filósofa” e se distanciava do termo “filosofia política”; preferia que suas publicações fossem classificadas dentro da “teoria política”.

Arendt defendia um conceito de “pluralismo” no âmbito político. Graças ao pluralismo, o potencial de uma liberdade e igualdade política seria gerado entre as pessoas. Importante é a perspectiva da inclusão do Outro. Em acordos políticos, convênios e leis, devem trabalhar em níveis práticos pessoas adequadas e dispostas. Como frutos desses pensamentos, Arendt se situava de forma crítica ante a democracia representativa e preferia um sistema de conselhos ou formas de democracia direta.

Entretanto, ela continua sendo estudada como filósofa, em grande parte devido a suas discussões críticas de filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Immanuel Kant, Martin Heidegger e Karl Jaspers, além de representantes importantes da filosofia moderna como Maquiavel e Montesquieu. Justamente graças ao seu pensamento independente, a teoria do totalitarismo (Theorie der totalen Herrschaft), seus trabalhos sobre filosofia

existencial e sua reivindicação da discussão política livre, Arendt tem um papel central nos debates contemporâneos.

1.2. Sun Tzu

“A rapidez é a essência da guerra: ganhe vantagem com a falta de preparação do inimigo, trace o seu percurso por onde não é esperado, ataque os locais vulneráveis do adversário.”

Sun Tzu foi um general, estrategista e filósofo chinês e principal nome relacionado a escola militar de filosofia chinesa. Ele é mais conhecido por seu tratado militar, A Arte da Guerra, composto por 13 capítulos de estratégias militares.

Sun Tzu, também grafado como Sunzi, foi uma figura histórica cuja existência é questionada por vários historiadores. Seu nome de nascimento era Sun Wu, sendo Sun o seu sobrenome e Tzu um título que significa "Mestre". Tradicionalmente, Sun Tzu vivera no Período das Primaveras e Outonos da China (722 a.C. – 481 a.C.) como general do Rei Hu Lu. Historiadores mais recentes, que admitem a sua existência, datam o seu trabalho, A Arte da Guerra, do Período dos Reinos Combatentes (476 a.C. – 221 a.C.), baseado nas descrições da guerra desse livro, e pela semelhança da forma de redação do texto com outros trabalhos feitos no início do período dos Reinos Combatentes.

Os historiadores mais tradicionais acreditam que o seu descendente, Sun Pin, também escreveu um tratado sobre táticas militares, intitulado A Arte da Guerra de Sun Pin. Ambos são mencionados como Sun Tzu nos textos tradicionais chineses, e alguns historiadores acreditavam que Sun Wu era de fato Sun Pin até a descoberta de seus trabalhos em 1972. Durante os séculos XIX e XX, A Arte da Guerra, de Sun Tzu, ganhou grande popularidade, sendo adaptado na prática pelo mundo Ocidental, continuando os seus trabalhos a influenciar as culturas e políticas tanto do mundo Asiático como do Ocidental.

1.3. Eduardo Galeano

“As guerras dizem que ocorrem por nobres razões: a segurança internacional, a dignidade nacional, a democracia, a liberdade, a ordem, o mandato da civilização ou a vontade de Deus”.

Nenhuma tem a honestidade de confessar: ‘Eu mato para roubar’”.

Eduardo Hughes Galeano foi um jornalista e escritor uruguaio. É autor de mais de 40 livros, que já foram traduzidos em diversos idiomas. Suas obras transcendem gêneros ortodoxos, combinando ficção, jornalismo, análise política e história. Galeano é considerado um dos principais expoentes do Antiamericanismo e Anticapitalismo na América Latina no Século XX.

Uma das citações mais memoráveis de Galeano é "as pessoas estavam na cadeia para que os presos pudessem ser livres", se referindo ao regime militar (1973-1985) de seu país. Para celebrar a vitória de Tabaré Vázquez e da Frente Ampla nas eleições de 2004, - a primeira eleição de um governo de esquerda na história uruguaia -, Galeano escreveu um artigo intitulado "Onde as pessoas votaram contra o medo", no qual afirma que a população de seu país finalmente usou o "bom senso" para parar de ser "traída" pelos partidos Colorado e Nacional.

Em 2006, Galeano se juntou a outras artistas renomados como Gabriel García Márquez, Mario Benedetti, Ernesto Sábato, Thiago de Mello e Pablo Milanés na assinatura da Proclamação de Independência de Porto Rico do Congresso Latino-Americano e Caribenho.

Em uma entrevista ao jornal Zero Hora, disse o seguinte sobre a vitória de Barack Obama nas eleições de 2008: "Agora, ele entra na Casa Branca, que será a sua casa. Tomara que não esqueça que a Casa Branca foi construída por escravos negros. Chegou a hora dos Estados Unidos se libertarem da sua pesada herança racista".

1.4. Carl von Clausewitz

"A guerra é a política por outros meios".

Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz foi um militar do Reino da Prússia que ocupou o posto de general e é considerado um grande estrategista militar e teórico da guerra por sua obra "Da Guerra".

Foi diretor da Escola Militar de Berlim nos últimos treze anos de sua vida, período em que escreveu Vom Kriege, obra publicada postumamente. Ficou conhecida a frase em que Clausewitz associa guerra e política: "A guerra é a continuação da política por outros meios". Especificamente, considerava fundamental que a guerra estivesse sempre submetida à política. Isso porque nenhuma guerra pode ser vencida sem a compreensão precisa dos objetivos e da disponibilidade de meios ou sem o cálculo racional das capacidades e das oportunidades ou, ainda, sem o estabelecimento dos limites éticos ao uso da força - sempre submetida aos objetivos políticos estabelecidos.

É considerado um grande mestre da arte da guerra. Suas lições de tática e estratégia vão, entretanto, além dos exercícios militares propriamente ditos, para se constituírem, inclusive, numa profunda reflexão filosófica acerca da guerra e da paz. Tal reflexão contém observações éticas que são válidas para a formação militar em todo tempo, mesmo na ocorrência do que, nos nossos dias, veio a se chamar "guerra interna". Para Clausewitz, a destruição física do inimigo deixa de ser ética, quando ele pode ser desarmado em vez de morto.

Convencido da superioridade da defesa e das capacidades defensivas frente ao ataque e às capacidades ofensivas, a argumentação de Clausewitz comumente é sintetizada na noção de que o melhor ataque é uma ótima defesa. Mais precisamente, ele

demonstra a superioridade da defesa, enquanto elemento de dissuasão e enquanto tática de combate, pois ela permitiria desde o desgaste do invasor em uma guerra de atrito até a possibilidade de escolha do momento correto para contra-atacar as forças adversárias.

1.5. Victor Hugo

“A guerra com o estrangeiro é uma escoriação no cotovelo; a guerra civil um abcesso que nos devora”.

Victor-Marie Hugo foi um romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país. É autor de *Les Misérables* e de *Notre-Dame de Paris*, entre diversas outras obras clássicas de fama e renome mundial.

Seu romance, *Notre-Dame de Paris*, é lançado em 1831, considerado o maior romance histórico de Victor Hugo, o livro definiu a forma de exploração ficcional do passado que marcaram o romantismo francês. O livro narra a história do amor altruísta do deformado sineiro da catedral de Notre Dame, Quasimodo, pela bailarina cigana Esmeralda. Com um estilo realista, especialmente nas descrições de Paris medieval e seu submundo, o enredo é melodramático, com muitas reviravoltas irônicas. O livro foi um sucesso instantâneo e logo fez de Hugo o mais famoso escritor que vivia na Europa, tendo o livro se propagado e traduzido por todo o continente.

1.6. Nicolau Maquiavel

“Uma guerra é justa quando é necessária”.

Nicolau Maquiavel foi um filósofo, historiador, poeta, diplomata e músico de origem florentina do Renascimento. É reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna, pelo fato de ter escrito sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser.

Desde as primeiras críticas, feitas postumamente pelo cardeal inglês Reginald Pole, cunhou-se um entendimento equivocado da obra completa de Maquiavel. Com o choque de realidade causado pelas suas ideias sobre a dinâmica do poder, seus textos geraram uma ameaça aos valores cristãos vigentes, principalmente devido às análises do poder político da igreja católica contidas em *"O Príncipe"*. Já na literatura e teatro ingleses do século 17, foi associado diretamente ao Diabo por meio das referências caricaturais e do apelido *"Old Nick"*. Surgiu, aí, na visão do pensamento enganoso e da trapaça, o adjetivo maquiavélico nas línguas ocidentais.

Maquiavel viveu a juventude sob o esplendor político da República Florentina durante o governo de Lourenço de Médici. Entrou para a política aos 29 anos de idade no cargo de Secretário da Segunda Chancelaria. Nesse cargo, Maquiavel observou o

comportamento de grandes nomes da época e a partir dessa experiência retirou alguns postulados para sua obra. Depois de servir em Florença durante catorze anos foi afastado e escreveu suas principais obras. Conseguiu também algumas missões de pequena importância, mas jamais voltou ao seu antigo posto como desejava.

Como renascentista, Maquiavel utilizou-se de autores e conceitos da Antiguidade Clássica de maneira nova. Um dos principais autores foi Tito Lívio, além de outros lidos através de traduções latinas, e entre os conceitos apropriados por ele encontram-se o de virtù e o de fortuna.

1.7. Yamamoto Tsunetomo

“O segredo do sucesso militar é se preparar para a guerra em tempos de paz.”

Yamamoto Tsunetomo foi um samurai, monge budista e filósofo japonês. Os seus comentários sobre o Bushido foram compilados no Hagakure, um guia espiritual para os antigos samurais, considerado atualmente um dos mais importantes escritos sobre o pensamento nipônico da antiguidade.

Tsunetomo nasceu em Katatae, próximo ao Castelo Nabeshima na província de Hizen (atual cidade de Saga no Japão). Entrou para o serviço do senhor feudal Mitsushige Nabeshima com apenas nove anos de idade e durante os trinta anos seguintes serviu com zelo e lealdade ao seu senhor e ao seu clã. Quando Nabeshima morreu em 1700, Tsunetomo foi impedido de acompanhá-lo na morte cometendo o suicídio ritual, como era de costume à época entre os samurais em virtude de um decreto do Xogum Tokugawa. Tsunetomo, após alguns desentendimentos com o sucessor de Nabeshima, decidiu retirar-se do mundo e tornar-se monge budista em um retiro nas montanhas, adotando o nome de Jocho Kyokuzan. Dez anos depois, o monge recebeu a visita do samurai Tsuramoto Motazaemon Tashiro, que compilou os comentários de Kyokuzan sobre o Bushido em onze volumes, contendo aproximadamente 1.300 aforismos.

III. Antecedentes

1. A sociedade espanhola

1.1. Antiguidade

Os primeiros ocupantes da Espanha foram os ibéricos, povo líbio do sul. Mais tarde vieram os celtas, povo tipicamente ariano, e de sua fusão surgiram os celtiberos. Atraídos pela mineração, os fenícios fundaram uma série de postos comerciais ao longo de sua costa e, em sua luta contra os gregos, convocaram os cartagineses, que, sob as ordens de Amílcar Barca, tomaram posse da maior parte da Espanha. Nessa época, teve início a Segunda Guerra Púnica, da qual os romanos saíram vencedores. Cipião, o Africano, subjugou e romanizou completamente a península, que veio a produzir escritores da estatura de Sêneca e Lucano e eminentes imperadores, como Trajano e Adriano.

1.2. Idade Média

Após a queda do Império Romano, os suevos, vândalos e alanos entraram no território, mas foram derrotados pelos visigodos que, no final do século VI, ocuparam praticamente toda a península. No início do século VIII os árabes entraram pelo sul e conquistaram o país rapidamente. O período de influência muçulmana é dividido em Emirado (711 a 756), Califado (756-1031) e os Reinos de Taifas (1031 a 1492).

Em 1469, o casamento dos reis católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, uniu os dois reinos e deu início a um período de crescente sucesso para a Espanha: Granada foi conquistada e, em 1492, Cristóvão Colombo descobriu a América; as ilhas Canárias foram anexadas em 1495, e a hegemonia da Espanha no Mediterrâneo foi afirmada com a conquista do Reino de Nápoles.



Francisco Franco

2. O cenário político

A Espanha enfrentava sucessivas crises políticas e econômicas desde o começo do século XX. Essa instabilidade provocava o empobrecimento da maioria da população e motivava a organização de manifestações contra o caos social e o governo. Partidos de esquerda, fortalecidos pela ascensão da União Soviética, organizaram greves contra a situação vivida pelos espanhóis. Por outro lado, grupos fascistas saíram às ruas usando a força para conter essas manifestações. Entre 1923 e 1930, os espanhóis foram governados por Miguel Primo Rivera, um ditador nacionalista e autoritário que não poupou esforços para perseguir seus opositores, principalmente comunistas e anarquistas. Em

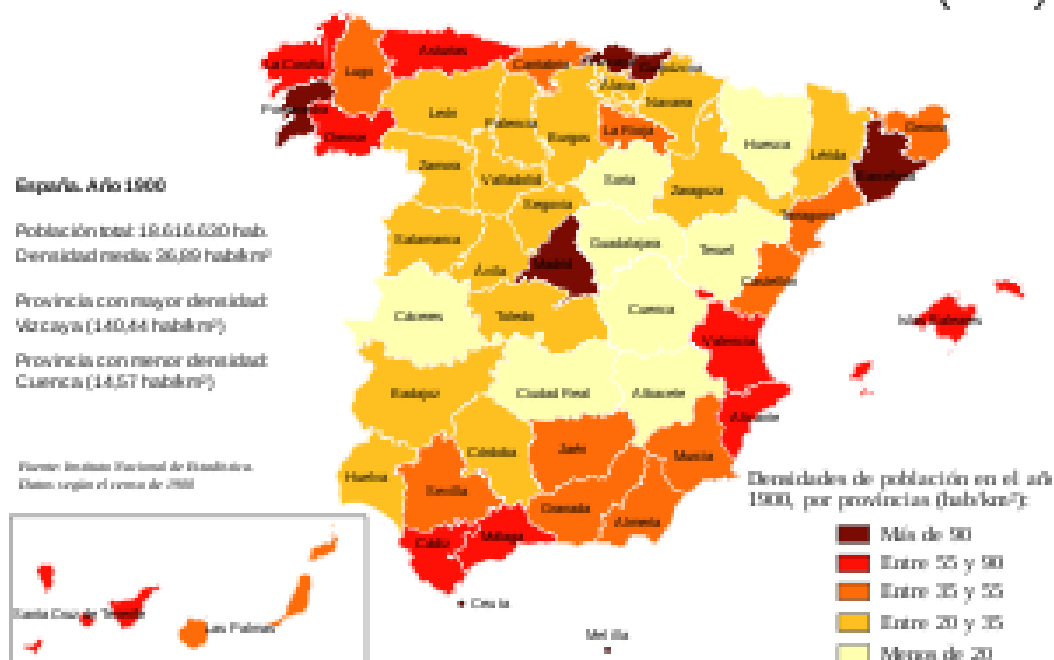
1931, foi instalada na Espanha a III República, tendo Niceto Alcála-Zamora como presidente durante tal regime o país passou por uma intensa desordem interna. Seu governo acabou em 1936, quando foi sucedido por Manuel Azaña Díaz. O novo governo republicano teve Largo Caballero como primeiro-ministro. Por ser um político ligado ao Partido Comunista, Caballero sofreu forte oposição dos conservadores espanhóis.

Apesar das tentativas de golpe de Estado, o governo republicano conseguiu reagir às ações opositoras. Essa resistência foi liderada pelo Partido Comunista espanhol, que, por sua vez, recebia apoio da União Soviética. Em 1936, Francisco Franco, também chamado de “Generalíssimo”, organizou um golpe de estado contra o governo da Segunda República na Espanha. Isso foi o estopim para a guerra civil.

3. Espanha na Primeira Guerra Mundial

A Espanha na Primeira Guerra Mundial manteve-se neutra durante todo o conflito, mas este teve importantes consequências econômicas, sociais e políticas para o país, tanto que se costuma situar nos anos da guerra o início da crise do sistema da Restauração, que em 1923 tentou-se resolver mediante um golpe de Estado que deu passo à instauração da ditadura de Primo de Rivera.

DISTRIBUCIÓN DE LA POBLACIÓN EN ESPAÑA (1900)



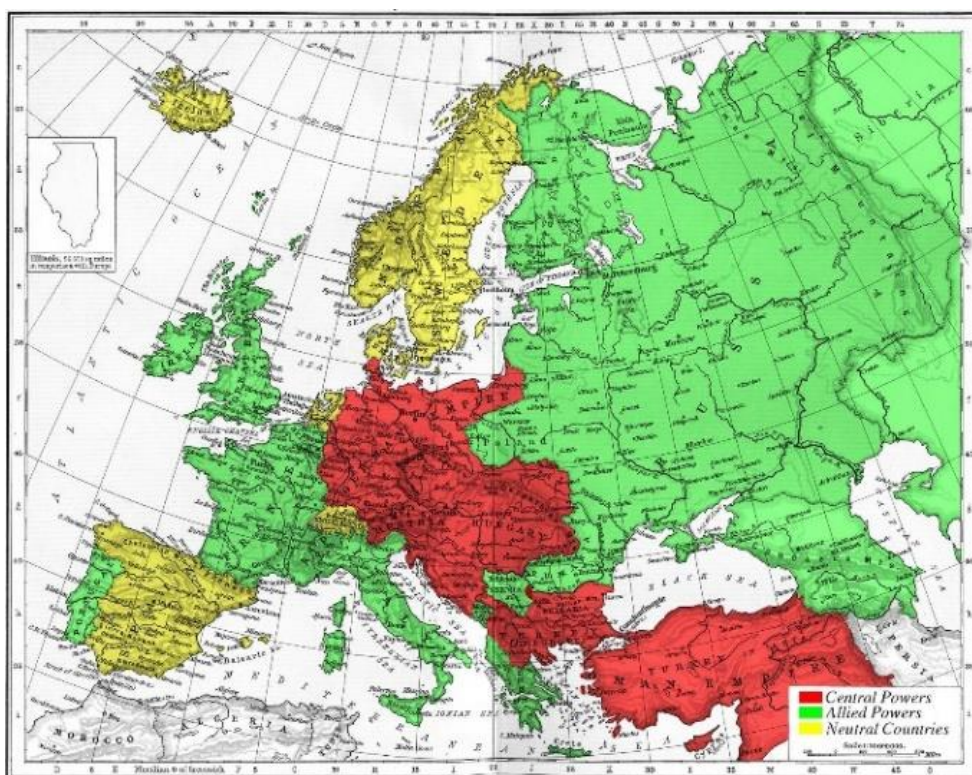
Distribuição da população espanhola em 1900

“A guerra tanto perturbou a situação econômica do país que hoje a vida é impossível. Muitas fábricas fecharam, outras têm seus trabalhadores no trabalho, há fábricas que estão fazendo um ótimo mês de agosto e, no entanto, elas não aumentaram seus salários, apesar de seus donos saberem que tudo ficou mais caro.”

— Periódico El Liberal de Sevilla. 27 de novembro de 1916.

O governo conservador de Eduardo Dato decidiu manter a Espanha neutra, porque em sua opinião, compartilhada pela maioria da classe dirigente, o país carecia de motivos e de recursos para entrar no conflito. O rei Alfonso XIII também estava de acordo, ainda que, como confessou ao embaixador francês, teria gostado que Espanha entrasse na guerra do lado aliado em troca de "alguma satisfação tangível" —provavelmente Gibraltar, Tânger e mãos livres em Portugal— mas que se encontrava rodeado de "cérebros de galinha" —isto é, acusava aos políticos de pensar como covardes— e que ele "estava numa posição muito difícil".

Muito poucos se opuseram à neutralidade. O caso mais notório foi o Diário Universal, órgão do liberal conde de Romanones, que publicou um artigo sem assinatura —ainda que as pessoas o tenham atribuído a Romanones, apesar de que este negou o ter escrito— titulado "Neutralidades que matam", que defendia a participação da Espanha na guerra do lado dos aliados, em coerência com a política exterior espanhola alinhada com França e Grã-Bretanha desde 1900. "É necessário que tenhamos o valor de fazer saber a Inglaterra e a França que com elas estamos, que consideramos seu triunfo como o nosso e seu vencimento como próprio", dizia no artigo. Contudo, "a mais estrita neutralidade" impôs-se, respaldada pelo rei.



Mapa Europa 1914

A Espanha não era uma das potências europeias, carecendo de poder económica e militar suficiente como para se apresentar como um aliado desejável a qualquer das grandes potências em conflito (Alemanha e Áustria-Hungria, por um lado; Grã-Bretanha, França e Rússia, por outro). Por isso nenhum dos países beligerantes protestou pela

neutralidade espanhola. "Não deixava de ser uma declaração de impotência... já que se baseava no que todo mundo admitia com maior ou menor embaraço: que a Espanha carecia dos meios militares necessários para enfrentar uma guerra moderna", afirma Javier Moreno Luzón.

O estado precário do exército foi fundamental para decidir pela neutralidade. O país acabava de entrar no conflito do protetorado do norte do Marrocos. Tratava-se de um exército de terra antiquado, mal armado e que, devido ao número excessivo de oficiais, via grande parte de seu orçamento concentrado no pagamento salarial dos oficiais. Esses fatores haviam incapacitado os espanhóis de participar da corrida armamentista que ocorreu na Europa a princípios do século XX, como tinham feito as grandes potências da época. Por outro lado, a Armada era considerada uma das principais culpadas da derrota de 1898 contra os Estados Unidos, e tinha perdido duas esquadras inteiras nessa guerra. Foi deixada de lado até 1908, quando durante o governo de Antonio Maura se aprovou a construção dos encouraçados Classe Espanha e outros navios menores no denominado Plano Ferrándiz.

A eclosão de conflitos sociais, devido à crescente consciência de classe dos trabalhadores e ao desenvolvimento e crescimento de sindicatos e partidos de esquerda, especialmente republicanos, insatisfeitos com troca de partidos característica desta época política do país, ganhou maior importância devido a episódios como a Semana Trágica de Barcelona em 1909 ou o assalto de membros do exército aos jornais catalães em 1905. Se a Espanha interviesse na guerra e o desenvolvimento da guerra não fosse favorável, poderia produzir um conflito como o da Revolução Russa.



Foto da Columna Ascaso antes de partir para Aragón

IV. A Guerra Civil

1. Espanha - 1936



Madrid. 1936. Manifestação da UHP (Unións Hermanos Proletarios)

Durante a primeira metade da década de 30, a Espanha passava por uma fase de modernização política, com a instauração do voto feminino e a federalização. No entanto, o país encontrava-se dividido em dois grandes grupos: os republicanos (progressistas, socialistas, anarquistas) e os nacionalistas (conservadores, fascistas, monarquistas).

Em fevereiro de 1936, houve as eleições gerais espanholas, vencidas pela coligação da esquerda - a Frente Popular. O resultado das eleições foi o estopim para o golpe militar organizado pelos nacionalistas, em julho de 1936.

No dia 17 de julho, José Sanjurjo liderou o pronunciamento, isto é, um manifesto militar em oposição ao governo republicano, e deu início a Guerra Civil Espanhola. No pronunciamento, Sanjurjo declarou intenções de dar fim aos partidos políticos espanhóis e acabar com o sistema liberal do país. Dias depois, Sanjurjo morreu em um acidente de avião, o que possibilitou que Francisco Franco liderasse o golpe nacionalista.

Ainda em julho, os nacionalistas já controlavam o Marrocos Espanhol, as Canárias, Sevilla, Cádiz, Granada, Córdoba, as Baleares e o oeste da Espanha continental.

Durante o início do Século XX, a Espanha vivia mergulhada em sucessivas crises políticas, econômicas e sociais. O governo monárquico parlamentarista era incapaz de resolver as dificuldades geradas pelo atraso econômico.

A estratégia era reprimir duramente os movimentos como os sindicatos e os partidos de esquerda. Em 1923, o general Primo Rivera havia instalado uma ditadura de tipo fascista, apesar de preservar a monarquia. Essa ditadura caiu sob pressão popular em 1930. No ano seguinte, em meio às profundas agitações sociais e políticas, os republicanos ganham as eleições municipais de 1931.

Assim, um movimento popular derruba a monarquia espanhola, proclama a república e a família real é expulsa para a Itália. Após a instauração da República foram implantadas a expansão do ensino básico e a reforma agrária.

Estas medidas amedrontaram as elites conservadoras, que eram compostas por grandes proprietários, alta burguesia, membros do exército e do clero. Assim, os conflitos entre as forças de direita e esquerda acirraram-se.

As elites se uniram num partido de extrema direita, denominada Falange Tradicionalista Espanhola das Juntas Ofensivas Nacional-Sindicalista, e tinha como objetivo impedir as reformas que considerava de inspiração socialista.

1.1 Início da Guerra:

A Espanha viveu um período de desordem interna entre 1931 e 1936. Algumas facções mais radicais aproveitaram para destruir templos católicos, invadir terras e fazer justiça com as próprias mãos.

Em fevereiro de 1936, a Frente Popular reunindo vários setores democráticos e de esquerda – socialistas, comunistas, anarquistas, liberais – elegeu Manuel Azaña como presidente.

Pouco tempo após as eleições, o Exército, sob a liderança do general Francisco Franco, se rebelou contra o novo governo. Começava a Guerra Civil Espanhola com uma tentativa de golpe de Estado em 17 de julho de 1936.

O conflito trazia de um lado os falangistas e do outro, populares e de esquerda. Os primeiros tinham apoio militar da Itália fascista e da Alemanha nazista, que usou a Espanha como centro de experimentação de suas novas e potentes armas.

Do outro lado, estavam as forças populares e democráticas. Essas recebiam um pequeno apoio da União Soviética e das Brigadas Internacionais, que eram formadas por voluntários operários e intelectuais de outros países.

Países democráticos como a França e Inglaterra não se envolveram no conflito.

1.2. Os Nacionalistas:

As tropas do chamado "Movimento Nacional" foram reforçadas, desde o início da guerra pela ajuda militar direta da Alemanha de Hitler, expressa no bombardeamento a Guernica e Madrid, e da Itália de Mussolini, que enviou o Corpo Truppe Volontarie (corpo de tropas voluntárias) e a Aviazione Legionaria para a frente nacionalista, assim como engajou aviões e submarinos no esforço de guerra franquista. O Portugal de Salazar, embora ocultado sob a capa da neutralidade, autorizou o recrutamento de voluntários para combater pelos Nacionalistas, os Viriatos, permitiu o abastecimento das tropas rebeldes com armas e logística através de seu território além de recusar a entrada de refugiados; a Irlanda tendo embora o seu governo declarado a participação na guerra como ilegal, cerca de 700 irlandeses combateram pelos Nacionalistas comandados pelo General Eoin O'Duffy, um veterano histórico do IRA que na Irlanda presidia os Camisas Azuis, algo entre uma associação de ex-militares e um partido fascista.

O Vaticano apoiou igualmente Franco, pois a Igreja condenava o comunismo e também porque a política anticlerical do governo da República não lhe oferecia uma alternativa. O papa Pio XI, no entanto, que não tinha simpatias pelo fascismo, e que em

1937 publicaria a encíclica em alemão *Mit brennender Sorge* ("Com profunda preocupação"), condenando a ideologia nazista, não chegou jamais a oferecer um apoio incondicional ao campo franquista.

1.3. Os Republicanos:

As tropas republicanas receberam ajuda internacional, proveniente da URSS, recebendo cerca de 326 tanques T-26, 50 BT-7, bombardeiros leves Polikarpov R-5, caças Polikarpov I-15 e Polikarpov I-16 e os bombardeiros ligeiros Tupolev SB, além de armamentos como rifles, metralhadoras e munição. Recebeu ajuda também das Brigadas Internacionais, iniciativa da Terceira Internacional composta de militantes de frentes socialistas e comunistas de todo o mundo e de numerosas pessoas que a título individual entravam na Espanha a defender o governo da República. Vários intelectuais europeus e americanos participaram deste esforço, nomeadamente o romancista americano Ernest Hemingway, o escritor inglês George Orwell, o poeta também inglês W. H. Auden, os escritores franceses André Malraux e Saint-Exupéry e a matemática, católica e ativista política, também francesa, Simone Weil.

Os governos da Inglaterra e da França optaram por ficar de fora, impondo um embargo geral à exportação de armas à Espanha. Oficialmente, este embargo foi furado pela Alemanha e pela Itália, e não levou a qualquer consequência, na ausência de sanções impostas pela Liga das Nações). A Inglaterra sediou o Comitê de Não Intervenção, só que este comitê só funcionava para impedir que ajuda internacional chegasse à República espanhola através da fronteira francesa e da Baía de Biscaia. Os nacionalistas, liderados pelo fascista Franco, recebiam farto armamento e reforços pela fronteira portuguesa e pelo Mediterrâneo, tal fator alterava decisivamente a correlação de forças a favor dos fascistas.

O Brasil teve participação pequena, porém significativa na guerra, onde militantes do Partido Comunista Brasileiro e da União da Juventude Comunista se apresentaram como voluntários após terem sido anistiados pela sua participação no Levante Comunista, episódio que ficou conhecido como "Macedada". Dos brasileiros que lutaram nas Brigadas, que também participaram da Aliança Nacional Libertadora, destaca-se Apolônio de Carvalho cuja atuação nas Brigadas seria seguida, após seu internamento na França, pela sua participação heroica na Resistência Francesa.

2. Armamentos

Technology of the war: aircraft

Aircraft played a crucial role in the Spanish Civil War and were used in a wide variety of capacities including reconnaissance, ground attack and strategic bombing. Foreign-supplied aircraft played the most significant role, with Germany and Italy providing the Nationalists a combined 1253 and the USSR supplying 648 to the Republic. Soviet-supplied Polikarpov I-15 and I-16 fighters were superior to aircraft used by the Nationalists in the first year of the war, helping the Republicans to achieve aerial supremacy in the war's early months. The arrival of more advanced German Messerschmitt Bf 109 fighters in early 1937 gave the Nationalists the advantage. Although the Soviet Tupolev SB-2 bomber was, on paper, the most powerful bomber aircraft in Spain, there were few deployed and they performed poorly; the German Heinkel 111 bomber was superior. Bombers were used for strategic bombing on an unprecedented scale.

A comparison of the main aircraft in the Spanish Civil War

	Republican		Nationalist			
Overall number of aircraft of all types supplied by the USSR, Italy and Germany to Spain	648*		1253			
Type of aircraft	Polikarpov I-15 (from 1936)	Polikarpov I-16 (from 1936)	Fiat CR.32 (from 1936)	Heinkel He 51 (from 1936)	Messerschmitt Bf 109 (from spring 1937)	Heinkel He 111 (from spring 1937)
Country of origin	USSR	USSR	Italy	Germany	Germany	Germany
Maximum speed	350 km/h	489 km/h	360 km/h	330 km/h	640 km/h	310 km/h
Range	300 km	700 km	781 km	570 km	850 km	2400 km
Armaments	Four fixed forward firing machine guns	Two fixed forward firing machine guns, two 20 mm cannon in wings	Two machine guns	Two machine guns in nose	Two machine guns in wings, two 20 mm cannon in the wings, a 20 mm cannon in the nose	2000 kg as main bomb load, cannon and machine guns
Number of each type supplied to Spain	161*	276*	477	93	139	95

*Inconsistencies in the Soviet statistics mean that there can be variations in citations of the numbers of aircraft supplied.

Tradução:

As aeronaves desempenharam um papel crucial na Guerra Civil Espanhola e foram usadas em uma ampla variedade de capacidades, incluindo reconhecimento, ataque ao solo e bombardeio estratégico. As aeronaves fornecidas pelo exterior desempenharam o papel mais significativo papel, com a Alemanha e a Itália fornecendo aos nacionalistas um total de 1253 e a URSS fornecendo 648 para a República. Os caças Polikarpov I-15 e I-16 fornecidos pelos soviéticos eram superiores às aeronaves usadas pelos nacionalistas no primeiro ano da guerra, ajudando os republicanos a alcançar a supremacia aérea nos primeiros meses da guerra. A chegada de caças alemães Messerschmitt B 109 mais avançados no início de 1937 deu aos nacionalistas a vantagem. Embora o bombardeiro soviético Tupolev SB-2 fosse, no papel, o bombardeiro mais poderoso da Espanha, poucos foram implantados e tiveram um desempenho ruim; o bombardeiro alemão Heinkel 111 era superior. Bombardeiros foram usados para bombardeio estratégico em uma escala sem precedentes. Uma comparação das principais aeronaves utilizadas na Guerra Civil Espanhola.

V. Bibliografia

https://pt.wikipedia.org/wiki/Espanha_na_Primeira_Guerra_Mundial

<https://www.suapesquisa.com/paises/espanha/historia.htm>

<https://www.todamateria.com.br/guerra-civil-espanhola/>

<https://citacoes.in/citacoes/1781966-francisco-franco-the-defence-of-internal-peace-and-order-constitute/>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-espanhola.htm>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-civil-espanhola.htm>

<http://eurochannel.com/pt/Grandes-Batalhas-da-Guerra-Civil-Espanhola-Espanha.html>

<https://www.todamateria.com.br/guerra-civil-espanhola/>